

Gramsci como tradutor da nação

Cláudio Reis

Como citar: REIS, C. Gramsci como tradutor da nação. *In:* DEL ROIO, M. (org.). **Aspectos de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária, 2009. p.23-44. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-60810-04-8.p23-44>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Gramsci como tradutor da nação (1910-1926)

Claudio Reis¹

I Gramsci e a questão da *herança histórico-nacional*. Passado como movimento a-nacional

Ainda aos 19 anos, no ano de 1910, Gramsci escreveu num trabalho escolar o seguinte: "Nós os italianos adoramos a Garibaldi; desde criança nos ensinam a admirá-lo; Carducci nos tem entusiasmado com sua fábula garibaldina. Se alguém perguntar às crianças italianas quem gostariam de ser, a grande maioria escolheria certamente o loiro herói". (Gramsci, 1970, p. 9) Como se sabe Garibaldi foi um dos principais personagens do processo de unificação do Estado-nação italiano. E como se pode notar exercia uma enorme influência cultural sobre os italianos. Todavia à medida que o pensador sardo se insere no debate político-social do seu país, retoma a discussão sobre a importância de Garibaldi de modo mais crítico, na tentativa de reler o seu significado para a história da Itália.

Então, antes mesmo da prisão, no momento da sua militância política, Gramsci já sentia o quanto de influência o passado exercia sobre o presente da vida nacional italiana. O que, de certo modo, lançava-o para um difícil entendimento da história do seu país. A clareza sobre o passado poderia ser decisiva numa tomada de decisão mais imediata imposta pelo presente. O conhecimento do anterior processo histórico italiano poderia ajudá-lo na condução de suas análises e também de suas ações sobre a realidade. E esse retorno à história fez Gramsci sugerir suas primeiras noções sobre o significado de nação.

Na maioria dos casos, o autor, utiliza-se do passado como uma forma de analisar e também combater determinados acontecimentos do presente histórico, identificando-os segundo uma *herança nacional* a qual, muitas vezes, era necessária a sua superação. Desse modo sugere que na Itália, a *herança histórica* significa o predomínio das forças sociais regressivas, anti-populares e também a-nacionais. Gramsci associa o popular com o nacional, dentre outros aspectos, por serem as classes populares, ou subalternas, as únicas dependentes incondicionais do *espaço* de uma nação para sobreviverem, diferentemente das camadas médias e altas muito próximas do cosmopolitismo abstrato e sem fronteiras.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo IFCH/UNICAMP.

Por meio dessa análise, pode-se ter uma clareza maior sobre algumas colocações de Gramsci referentes à diferença social entre Norte e Sul, às representações partidário-sindicais dos operários, à presença e importância da Igreja Católica no seu país, ao fascismo, à relação entre os intelectuais e as classes subalternas, etc. Em outras palavras, o presente se inseria dentro de um longo processo histórico, marcado por diversos conflitos e contradições muitas vezes mal resolvidos, ou mesmo não solucionados.

Sobre o movimento fascista e seu líder Benito Mussolini, Gramsci, em 1924, faz o seguinte enquadramento histórico, em seu texto *Lenin, líder revolucionário* publicado no *L'Ordine Nuovo*:

Temos na Itália o regime fascista, liderado por Benito Mussolini; temos uma ideologia oficial na qual o 'líder' é divinizado, declarado infalível, apregoado como organizador e inspirador de um Sacro Império Romano renascido [...] Mussolini era então, como o é hoje, o tipo concentrado do pequeno-burguês italiano: raivoso, mistura feroz de todos os detritos deixados no solo nacional por vários séculos de dominação dos estrangeiros e dos padres [...] Benito Mussolini conquistou o governo e o mantém por meio da mais violenta e arbitrária repressão. Não teve de organizar uma classe, mas somente o pessoal de uma administração. Demonstrou algumas engrenagens do Estado, mais para ver como eram feitas e para aprender como usa-las do que por uma real necessidade. Sua doutrina está toda contida na máscara física, no modo de girar os olhos nas órbitas, no punho fechado sempre ameaçador [...] Roma não desconhece estes cenários pioneiros. Ela viu Rômulo, viu César Augusto e, quando do seu declínio, viu Rômulo Augusto. (GRAMSCI, 2004, p.238-240).

Portanto, para o autor sardo, o fascismo – mesmo não sendo um fenômeno puramente de seu país, já que deve ser entendido num cenário europeu e mundial do pós-guerra – insere-se num amplo processo histórico da península italiana tendo, em última análise, suas origens nas ditaduras do Império Romano, passando pela presença da Igreja Católica e pelo domínio estrangeiro, característicos de toda Idade Média. Além disso, seu ponto de vista histórico faz com que as raízes de classe do fascismo sejam desvendadas *no tempo e no espaço*.

2 Passado como negação do *novo*

Com similar abordagem, Gramsci refletiu sobre diversos temas de seu país, indicando que muitas questões sociais correspondentes a uma determinada nação não podem ser analisadas fora de um contexto de *herança histórico-nacional*. Como se cada ponto da realidade cotidiana estivesse inserido numa linha do *tempo-espaço*, repleta de contradições, dinamizando as lutas do presente e determinando o surgimento do *novo*. Aqui certamente está presente

a tese marxiana de que “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Assim, quando Marx afirma que “a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos” (MARX, 1978, p.329), Gramsci o “traduz” para os problemas da nação italiana, para as formações sociais estruturadas já há muitos séculos na Itália, mas que lançam ao presente um complexo peso histórico.

Em muitos casos essa presença do passado na vida cotidiana dos italianos poderia ser identificada como um dos principais obstáculos para uma determinada vitória das forças progressistas, pois se fundamentava numa tração regressiva encarregada de puxar o presente para trás.

Obviamente que esse movimento não significava, para Gramsci, a derrota de toda e qualquer tentativa de construção histórica sobre a península, ou seja, suas projeções se distanciavam radicalmente do chamado “nihilismo nacional”. No entanto, exigia dos comunistas uma complexa tarefa de alteração das correlações de forças sociais e políticas vinculadas entre passado e presente, com o objetivo de criar uma maior autonomia para o segundo. Em outras palavras, era necessário que a “nação italiana” resistisse e superasse o domínio do seu próprio passado. Para concretizar tal objetivo, Gramsci pensou diversos elementos capazes de desvendar um novo rumo histórico para seu país, na tentativa de impulsionar e expandir os aspectos emancipatórios da realidade presente que estivessem contidos e, de certa forma, reprimidos pelo passado. Aqui poderiam ser citados, entre outros, o Partido Comunista Italiano, o novo tipo de intelectual, o *L'Ordine Nuovo* com sua inovadora proposta de se entender a cultura em sentido comunista, etc, todos pensados como fundamentais para a consolidação do *novo*.

Ainda sobre o movimento fascista ele diz, em sua intervenção na Câmara dos Deputados, em 16 de maio de 1925, “as classes rurais que eram representadas no passado pelo Vaticano, são hoje representadas predominantemente pelo fascismo”. (GRAMSCI, 2004, p.300) Na verdade, o domínio recorrente dessas classes sobre a história da sociedade italiana, não revelava outra coisa senão a continuidade do atraso.

O fascismo submetia à regressão até mesmo o pouco avanço político-social posto em prática pela burguesia italiana. O seu projeto de nação estava marcado mais pela união das forças regressivas do país do que pelo seu desenvolvimento histórico. Para Gramsci, o regime fascista somente seria vitorioso com as armas, e neste sentido não seria capaz de apresentar “nenhum programa”, nenhum aspecto “novo e progressista”. (GRAMSCI, 2004, p.307).

Num plano mais imediato, todo esse movimento geral da história italiana sobre o presente, no qual se inseria o autor, indicava dois significados, de um lado, a intenção de combater o fortalecimento do proletariado que

ganhavam cada vez mais centralidade organizativa e com isso melhores condições sociais, do outro, a permanência de um sistema capitalista frágil e incapaz de solucionar diversos problemas estruturais como, por exemplo, a *questão meridional* e o predomínio do latifúndio. Portanto, lutava de um lado contra o *novo* e de outro pela manutenção do *velho*.

3 Gramsci e a questão da herança histórico-internacional Tradução como dialética entre nação-mundo

Como foi possível perceber, um dos principais elementos do *procedimento* para o entendimento do significado de *nação* para Gramsci está no reconhecimento das *heranças histórico-nacionais*, no caso italiano fundamentalmente anti-populares.

No caso da Itália, Gramsci buscou “traduzir” o acúmulo conquistado pelos movimentos progressistas de outros países para a sua nação. Talvez para fazer frente à tradição anti-popular italiana, incorporando elementos inovadores vindos de outros *espaços*. Isto certamente dinamizaria as contradições nacionais, possibilitando assim a superação de antigas relações.

Sobre esse ato de “traduzir”, Gramsci o determina numa carta de 1932 à Julia Schucht, como sendo, entre outras coisas, a capacidade de “conhecer criticamente duas civilizações e ser capaz de conhecer ambas utilizando a linguagem historicamente determinada da civilização na qual o material informativo será inserido”. (GRAMSCI, 1970, p.327).

Na verdade,

[...]quando Gramsci formula o problema da tradutibilidade das linguagens científicas e filosóficas, tem em mente precisamente o problema das tradições nacionais no quadro da Internacional. Esta reflexão parte precisamente de uma menção a Lenin, segundo o qual ‘não soubemos traduzir nas línguas européias a nossa língua’. Gramsci dá um sentido pré-político (lingüístico, cultural e filosófico) ao que, para Lenin, era um reconhecimento estritamente político [...]. (BUEY, 2003, p.31).

Como já foi ressaltado, Marx pode ser entendido como um influenciador na lógica de raciocínio de Gramsci referente ao entendimento do caráter conservador da *herança histórico-nacional*, sobre os movimentos do presente.

Já sobre a *herança internacional*, de cunho progressista, Gramsci revela uma sensível aproximação com Engels, outro fundador da “filosofia da práxis”. Em seu texto *As guerras camponesas na Alemanha*, Engels afirma o seguinte:

[...] também o movimento operário prático alemão nunca deve esquecer que se desenvolveu sobre os ombros do movimento inglês e francês, que teve a possibilidade de tirar o partido da experiência difícil daqueles, de evitar no presente os erros que então não tinha sido possível evitar na maioria dos casos. Onde estaríamos agora sem o precedente das *trade-unions* inglesas e da luta política dos operários franceses, sem esse impulso colossal dado em particular pela comuna de Paris? (ENGELS, 1975, p. 28).

Aqui o autor expõe a importância da *herança histórico-internacional* para o movimento operário alemão. Além disso, Engels diz "é preciso antes de tudo manter o verdadeiro espírito internacionalista, que não admite qualquer chauvinismo patriótico e que acolhe com alegria todo o progresso do movimento operário, qualquer que seja a nação onde se produza". (ENGELS, 1975, p. 30).

De certo modo, essa é a lógica do raciocínio de Gramsci, ou seja, buscar forças para o movimento das classes subalternas italianas independentemente dos seus *espaços* nacionais. Até porque na Itália seria difícil tomar algum movimento histórico como exemplo de manifestação "nacional-popular".

Na verdade, ele busca em termos coletivos o que, de certo modo, sua figura representava num plano individual, ou seja, a ligação no *tempo* e no *espaço* com os representantes e com os movimentos político-culturais das classes subalternas.

Para o autor sardo, o "nacional popular" deveria ser entendido como uma "ordem de grandeza com a qual é necessário relacionar-se continuamente para não cair na abstração politicista, produzindo [...] um novo cosmopolitismo". (DURANTE, 1999).

De fato, Gramsci parece entender como necessária a construção de uma "fenda" na vida nacional italiana que possibilitasse a penetração de forças revolucionárias e realmente nacionais, originárias de outras localidades do mundo. O choque entre as duas *heranças*, a *nacional* e a *internacional*, poderia fortalecer um movimento popular e, com isso, realmente italiano. E a partir disso pensa a Revolução Russa.

4 Traduzindo a Rússia na Itália

A importância da Revolução Russa para o movimento operário mundial dava aos soviéticos a responsabilidade de "organizar" e "guiar" a classe operária de outros países. Dessa forma, Gramsci argumenta, numa carta de 1924, que

O estatuto da Internacional dá ao Partido russo a hegemonia de fato na organização mundial. Portanto, não há dúvida de que cabe conhecer as diversas correntes que existem no Partido russo para compreender as orientações que, em cada oportunidade concreta, vêm sendo imprimidas pela Internacional. De resto, é preciso ter em conta a situação superior em que se encontram os companheiros russos, os quais – além de ter à sua disposição a mais adequada massa de informações sobre nossa organização – dispõem também das informações mais abundantes e mais precisas, quanto a certas questões, sobre o Estado russo. Portanto, suas orientações são fundadas numa base material de que não poderemos dispor a não ser depois de uma revolução. E isso já um caráter permanente à supremacia de tais companheiros, uma supremacia dificilmente contestável. (GRAMSCI, 2004, p.176).

Na Rússia, os operários enfrentaram tanto sua *herança histórico-nacional* czarista quanto à *herança histórico-internacional* também conservadora do *capital*. Conseguiram transformar a guerra em revolução, o imperialismo em ditadura do proletariado, a obra de Marx em orientação prática para suas especificidades, etc. Por meio dos Soviets, passaram a participar ativamente na história do país. Em consequência, como Gramsci expõe em seu artigo *Utopia* de 1918, “a vida política russa se orientou de tal modo que tendeu a coincidir com a vida moral, com o espírito universal da humanidade russa”, os indivíduos “converteram-se em cidadãos ativos nas decisões dos destinos de seu país”. (GRAMSCI, 1970, p. 50-51).

Ali se concretizou uma vontade coletiva popular capaz de alterar a vida nacional russa em todos os seus sentidos. Desde a economia até a filosofia, da cultura à política, da educação à disciplina do trabalho, etc. Praticamente todos os elementos dinamizadores da nação russa foram afetados com a tomada de poder dos operários e camponeses. Mesmo tendo como elemento essencial a construção de um novo tipo de Estado (os Soviets), as alterações guiadas pela Revolução de Outubro foram muito além do aspecto estatal.

Com Lenin à frente, os bolcheviques desmascararam a burguesia e as forças reacionárias de seu país e lançaram a palavra de ordem “todo poder aos soviets”. E mesmo inserido profundamente na realidade nacional da Rússia, o líder comunista não restringiu a importância e o significado do movimento revolucionário de seu país às suas fronteiras. Em *A obra de Lenin*, também de publicado em 1918, Gramsci afirma:

Lenin se encontra entre os defensores mais entusiastas e convencidos do internacionalismo do movimento operário. Toda ação proletária deve estar subordinada ao internacionalismo e coordenada com ele; deve ser capaz de possuir o caráter internacionalista. Qualquer iniciativa que em qualquer momento, e ainda que seja transitariamente, chegar a entrar em conflito com esse ideal supremo, tem que ser inexoravelmente combatida; porque todo desvio do caminho que leva diretamente ao triunfo do socialismo internacional, por pequena que seja é contrária aos interesses do proletariado [...]. (GRAMSCI, 1970, p. 52).

Portanto, de acordo com a leitura de Gramsci, Lenin era um importante exemplo a ser seguido pelos revolucionários das outras nações, inclusive da Itália, pois ele buscou, ao mesmo tempo, encontrar uma saída verdadeiramente nacional para os problemas russos, inserindo-os no amplo processo da luta internacional do proletariado.

Em 1920, em seu artigo *Por uma renovação do Partido Socialista* Gramsci afirma que o "...Partido Socialista demonstrava não entender absolutamente nada da fase de desenvolvimento que atravessa o período atual da história nacional e internacional..." (GRAMSCI, 1970, p.72).

Neste texto, publicado no *L'Ordine Nuovo*, argumenta ainda que a massa trabalhadora, sob o programa do PSI, não assumiria qualquer papel na história seja ela nacional ou internacional. Como se a classe operária e o campesinato estivessem fora da luta de classes e dos antagonismos gerais da sociedade capitalista mundial. Em última análise, isto significava às classes trabalhadoras da Itália um completo desconhecimento sobre a história de seu país e do mundo.

Experiências como a da Rússia e de outros países da Europa do princípio do século XX, como a Hungria e a Alemanha, deveriam ser analisadas cuidadosamente para identificar os erros e acertos do movimento comunista. Entretanto, a falta de ligação da classe operária italiana com seu *tempo*, ou seja, a falta de uma cultura comunista a tornava completamente isolada. O Partido Socialista não demonstrava qualquer intenção em "traduzir" as experiências *internacional-populares* desencadeadas em outros países para a sociedade italiana.

O partido – nas palavras de Gramsci – está ausente do movimento internacional [...] O partido não se preocupa por explicar ao povo trabalhador italiano esses acontecimentos, por justificá-los à luz da concepção da Internacional Comunista, não se ocupa de desenvolver uma ação educativa orientada a dar consciência ao povo trabalhador italiano da verdade de que a revolução proletária é um fenômeno mundial e cada acontecimento tem que considerar-se e julgar-se num quadro mundial. (GRAMSCI, 1970, p. 74-75).

O completo desconhecimento sobre as conquistas das classes operárias de outros países sinalizava uma debilidade estrutural considerável para o movimento revolucionário italiano. Desse modo, a classe operária não encontrava alternativa senão a de se "informar por meio das agências e dos periódicos burgueses, incertos e tendenciosos." Com isso, as ideologias burguesas passavam a ganhar maior legitimidade junto às classes subalternas, dificultando o surgimento de um movimento popular capaz de impulsionar o processo histórico italiano de modo autônomo. A imprensa do partido deveria servir aos interesses das classes revolucionárias, num papel de "tradutora" das realidades nacional e internacional. As discussões ocorridas na III

Internacional deveriam ser amplamente difundidas junto às classes trabalhadoras. “Escritos de camaradas russos absolutamente imprescindíveis para compreender a revolução bolchevique foram traduzidos na Suíça, na Inglaterra, na Alemanha, e são completamente ignorados na Itália [...]”. (GRAMSCI, 1970, p. 75).

As experiências dos Soviets não poderiam ficar desconhecidas ao proletariado da Itália, a cultura revolucionária e as práticas políticas externas tinham que ser “traduzidas” para o movimento revolucionário.

O PSI para se renovar deveria assumir a frente de um amplo processo educativo revolucionário sobre as massas, organizando-as e disciplinando-as para suas lutas contra as elites do país.

Todo acontecimento da vida proletária nacional e internacional tem que ser comentado imediatamente em manifestos e circulares da direção, para obter argumentos de propaganda comunista e de educação das consciências revolucionárias. (GRAMSCI, 1970, p. 76).

Aqui está, para Gramsci, a essencial relação entre partido e classe. A inserção nas questões diárias do mundo do trabalho sustentava a dinâmica e a interação entre a teoria e a prática. De certo modo, essas palavras de Gramsci já apontavam para a necessidade de se romper com o PSI e se fundar um outro partido. Era fundamental para o movimento operário e camponês da Itália o apoio de seu partido, caso contrário, a tentativa de escrever uma *nova* história nacional ficaria debilitada. Assim, “afastando-se da pretensa tradição nacional de esquerda italiana, Gramsci se aproxima das formulações do grupo dirigente bolchevique, particularmente de Lenin...”. (DEL ROIO, 2003, p. 263).

Além disso, os italianos deveriam devolver à classe operária mundial o mesmo ímpeto progressista e revolucionário. Mesmo diante de algumas experiências importantes para o proletariado nacional e internacional, o PSI não atuou de modo profundo. As greves de abril de 1920, em Turim, podem ser um bom exemplo disso. Este foi um momento no qual a classe operária italiana demonstrou um importante amadurecimento cultural e político em sua organização e luta. Importante não apenas para o avanço de suas questões nacionais, mas também como exemplo de movimento popular para outros países. E a frágil presença do PSI neste processo, foi um dos motivos que fizeram sua luta não se expandir por toda nação. O seu reconhecimento internacional se deu independente da direção do partido.

Na Rússia, por exemplo, o movimento de Turim foi exaltado à revelia dos socialistas. Assim afirmaram os russos sobre as greves turinesas “ ‘Nós camaradas comunistas russos temos compreendido e estimulado a importância da greve de abril melhor que os oportunistas italianos, dando assim a estes últimos uma boa lição’ ”. (GRAMSCI, 1970, p. 82) Isso foi publicado em

julho de 1920 no *L'Ordine Nuovo* com o título *O movimento turinês dos conselhos de fábrica*. Ainda no texto, encontra-se o seguinte: "O movimento turinês de abril foi, com efeito, um acontecimento grandioso não só na história do proletariado italiano, mas também do europeu e até, podemos dizer, da história do proletariado de todo o mundo". (GRAMSCI, 1970, p.82-83)

Como Turim era a cidade mais operária da Itália, os acontecimentos da Rússia de 1917 tiveram lá uma maior receptividade, revelando uma interessante questão. De certa forma, a entrada de uma cultura *internacional-popular* no território italiano não poderia ser efetuada aleatoriamente, tendo em vista qualquer localidade nacional, na Itália a penetração da cultura revolucionária e mundial tinha um *espaço* específico, isto é, o Norte, com destaque para a cidade de Turim.

Portanto, era nesta cidade que a construção de uma cultura comunista poderia obter um êxito maior e com mais rapidez. Como diz neste texto de 1920, "A notícia da Revolução na Rússia foi acolhida em Turim com alegria indescritível". (GRAMSCI, 1970, p. 86) Fato pouco provável no Sul da península, pois nesta região, a cultura comunista deveria ser fortalecida a partir de dentro do país, com o aperfeiçoamento das organizações político-culturais do partido representante do mundo do trabalho.

Por sua vez, a imprensa burguesa tentou por todos os meios *traduzir*, ou simplesmente *interpretar*, os acontecimentos russos de modo a preservar os seus interesses internos. Afirmavam ser os bolcheviques, criminosos, autoritários, etc, tudo na tentativa de barrar as influências revolucionárias entre os operários turineses.

Com a ascensão do fascismo, a Revolução Russa passou a ser ainda mais denegrida na Itália. Gramsci, em algumas ocasiões, teve que sair em franca defesa dos bolcheviques. Como pôde ser visto em sua intervenção na Câmara de Deputados, em 16 de maio de 1925.

Fica claro, então, que o tema da "tradução" está permeado por interesses de classe, ou seja, o processo de incorporação de uma cultura estrangeira deve ser entendido como uma luta política, uma forma de disputa ideológica entre os diversos grupos numa determinada sociedade.

As insurreições de Turim foram uma exata tentativa de se romper com o predomínio conservador das *heranças histórico-nacionais* do país, na qual o movimento operário despontou como um *sujeito novo* da história na construção de uma *nação nova*. Sendo a penetração das experiências bem sucedidas dos russos, um fator indispensável.

Os turineses, nesse processo de rompimento com o passado conservador, possibilitaram a existência de um *vácuo social* na Itália fundamental para a entrada dos elementos progressistas e revolucionários de outras nações. Sendo a figura de Lenin importante exemplo de ruptura com

as heranças conservadoras, podendo ser considerado como “o iniciador de um novo processo de desenvolvimento da história...” Além disso, como afirma no artigo *Lenin, líder revolucionário* de 1924, o “Partido Comunista Russo, com seu líder Lenin, ligou-se de tal modo a todo o desenvolvimento do proletariado russo e, portanto, ao desenvolvimento de toda a nação russa, que não é possível nem mesmo imaginar um sem o outro [...]”. (GRAMSCI, 2004, p.237-238) E este seu significado deveria ser indiscutivelmente “traduzido” para a sociedade italiana.

A partir de 1921 quando se dá a fundação do Partido Comunista da Itália, Gramsci tinha como objetivo claro a permanência e o fortalecimento do movimento operário de seu país no cenário mundial. Os comunistas italianos não podiam se limitar em suas questões nacionais. Deveriam, ao contrário, combater de modo organizado toda e qualquer tentativa de lançar a classe operária ao provincianismo regional ou mesmo aos movimentos de cunho nacionalistas.

Entretanto, isto não significava apenas uma luta contra o isolamento nacional do movimento operário da Itália, mas também a inserção das questões italianas nas relações internacionais. Isso, de certo modo, era uma maneira de pôr em movimento a dialética entre nação e mundo. Os comunistas da Itália deveriam devolver às relações internacionais o mesmo ponto de vista revolucionário que os era transmitido. O que em certo sentido implicava, em alguns casos, a inserção no debate político programático de outros cenários nacionais.

Levando tal postura às últimas conseqüências, Gramsci não vê qualquer objeção em interferir até mesmo nas questões internas da revolucionária Rússia. Num momento no qual a disputa pelo poder do Estado soviético estava colocando em risco importantes conquistas políticas da Revolução, como por exemplo, a unidade partidária.

Frente a essa crise, Gramsci escreve uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética, em 1926, com o intuito de alertar seus membros do perigo, caso o grupo dirigente cindisse, para o movimento operário mundial.

Aqui é possível perceber como a dialética nação-mundo opera no pensamento gramsciano. Vejamos o que o autor diz: “...parece-nos que a atual atitude do bloco das oposição e a dureza das polêmicas do PCR exijam a intervenção dos partidos irmãos. Foi partindo desta precisa convicção que tomamos a decisão de lhes enviar esta carta”. (GRAMSCI, 2004, p.384-385) Ele sabia o quanto era importante, não apenas para os operários da Itália, mas de todo mundo, a coesão do movimento comunista soviético. Sabia que os conflitos internos do PC da União Soviética poderiam comprometer a organização do proletariado mundial. E neste sentido, como defensor do internacionalismo, buscava intervir nos problemas nacionais daquele grupo.

Em outras palavras, “a carta de Gramsci relata com extrema clareza algumas idéias basilares de sua concepção do processo revolucionário e de sua ciência política, expondo de um outro ângulo o vínculo existente entre particular nacional e o geral internacional [...]” (DEL ROIO, 2003, p. 230).

Portanto, a intervenção de Gramsci nos assuntos nacionais russos não era de cunho pedante ou intelectualista, muito pelo contrário. A atitude do autor italiano, possuía um caráter estritamente revolucionário e de profundo conteúdo nacional-popular, já que a vitoriosa experiência revolucionária da Rússia poderia contribuir decisivamente para o amadurecimento da cultura comunista na península. Na verdade, muito mais do que um paradigma, a experiência histórica dos soviéticos se constituía numa influência fundamental para a superação da tradição nacional conservadora da Itália.

Aqui é interessante notar como a história de uma nação interage com outra. Entretanto, o que de fato chama atenção é como uma nação considerada atrasada poderia contribuir para o avanço histórico de uma outra realidade nacional mais desenvolvida. A resposta pode assumir a seguinte afirmação: mesmo sendo a Itália mais avançada em relação à Rússia no desenvolvimento capitalista, o seu aspecto cultural ainda estava preso ao elitismo conservador e anti-popular.

Assim, Gramsci se posiciona ao lado de Lenin, contrário ao economicismo e ao evolucionismo etapista da história. Mesmo em sentido contrário, os dois mantinham o mesmo *método: entender a história universal em suas possibilidades particulares*. Se, por um lado, Lenin “traduz” o Ocidente e as civilizações mais adiantadas do capitalismo – em forma de cultura comunista, o marxismo – para o Oriente; Gramsci, por outro, busca o avanço histórico e político-cultural dos trabalhadores italianos via Rússia, mais atrasada quando comparada a muitos países europeus. Como se a referência para a cultura comunista tivesse ganhado uma nova orientação *espacial*, não mais o Ocidente, mas o Oriente. Assim, o que Lenin busca em Marx, Gramsci busca em Lenin.

Dentro da processualidade histórica, rica em contradições, o atraso da Rússia se transformou, após Outubro de 1917, na mais avançada experiência política, social e cultural, já realizada pelos trabalhadores de um país. Em consequência, esse processo revolucionário russo fez o marxismo e a cultura comunista em geral, ganharem um grau de universalização elevadíssimo. Em grande parte, claro, devido ao entendimento de Lenin e dos bolcheviques sobre a realidade histórica entendida em termos de *possibilidades particulares* e não de modo determinístico-universal. E isso o autor italiano considerou fundamental, ou seja, para ele a universalidade da revolução russa “encontrava-se precisamente na sua capacidade de apreensão do particular, ou seja, que a revolução socialista internacional dependia da mais correta e profunda análise das particulares situações nacionais e populares”. (Del Roio, 2003, p. 121).

Voltando à sua carta, Gramsci continua alertando sobre o fortalecimento da propaganda anti-comunista mundial e italiana, uma vez cindido o núcleo dirigente bolchevique. Suas palavras são as seguintes:

[...] os partidos burgueses e socialdemocratas, pela mesma razão, exploram as polémicas internas e os conflitos existentes no PC da URSS; eles querem lutar contra essa influência da Revolução russa, contra a unidade revolucionária que vem se constituindo em todo mundo em torno do PC da URSS. Caros companheiros: é extremamente significativo que num país como a Itália, onde a organização estatal e partidária do fascismo consegue sufocar toda manifestação expressa de vida autônoma das grandes massas operárias e camponesas, é significativo que os jornais fascistas, sobretudo os de província, estejam repletos de artigos tecnicamente bem feitos do ponto de vista da propaganda, com um mínimo de demagogia e de atitudes injuriosas, nos quais se tenta demonstrar, com um esforço evidente de objetividade, que – de acordo com as próprias declarações dos líderes mais conhecidos do bloco da oposição do PC da URSS – o Estado dos Soviets está seguramente se transformando num puro Estado capitalista, e que, portanto, no duelo mundial ente fascismo e bolchevismo, o fascismo triunfará. (GRAMSCI, 2004, p. 387).

Os problemas russos, portanto, faziam parte direta e indiretamente do cenário italiano. Em outros termos, a *questão russa* também pode ser enquadrada entre as tantas *questões nacionais* que compunham e dinamizavam a vida nacional italiana. Seus desdobramentos poderiam interferir decisivamente no desenvolvimento organizativo e político do movimento operário e camponês da península. Assim, os acontecimentos do Partido Comunista da União Soviética poderiam ser decisivos também para o ordenamento e construção da *nação nova* italiana.

O autor italiano também percebe e acompanha o debate sobre a tese do “socialismo num só país”. Sobre isso, pode-se dizer “que entre socialismo num só país e revolução permanente, entre particularismo russofilo staliniano e cosmopolitismo abstrato trotskista, ele não escolheu nenhum [...]” (BARATA, 2000, p.58). No caso da Itália, Gramsci se deparou com um problema semelhante, quer dizer, lutou contra o cosmopolitismo, de um lado, e contra o provincianismo, de outro. Desse modo, também assumiu o mesmo papel histórico do pensamento de Lenin, só que na Itália.

Como foi possível perceber até o momento, a questão da *herança histórica internacional* atua de modo central no pensamento de Gramsci referente ao seu entendimento de nação. Seus esforços, intelectual e político, para colocar a Itália no cenário mundial, tinham a clara intenção de encontrar caminhos para o socialismo e para construção de uma *nação nova*, seja na esfera da política, da economia, da cultura ou da filosofia.

A vida nacional deveria estar intimamente ligada à *vida mundial*, e com isso às suas contradições, reforçando o princípio de que a idéia de nação

somente surge no movimento internacional, assim como a idéia de internacional apenas surge no movimento nacional.

A *herança histórico-nacional* da Itália tinha que entrar em choque com as *heranças* de outros países, em especial com aquelas onde as classes trabalhadoras saíram vitoriosas. Dessa forma, haveria a *possibilidade* de diluição do caráter anti-popular presente na *herança* italiana. O impacto entre o nacional (de cunho conservador) e o internacional (experiências progressistas) poderia abrir uma “fenda” para o movimento comunista difundir sua cultura perante as classes subalternas.

Resta saber agora como esses dois grandes movimentos, ou melhor, essas duas *heranças* se articulam na *dinâmica histórica do presente* da vida nacional italiana. Como elas interagem no cotidiano político-cultural dos indivíduos. Isto significará, obviamente, analisar a “nação” italiana em sua movimentação imediata rica em complexidade, buscando seguir os olhares de Gramsci sobre sua realidade. Por meio de uma “metodologia” sugerida pelo autor, a saber, a “filologia viva”, pode-se tentar compreender a *dinâmica histórica do presente* da nação italiana. E com isso, salientar ainda mais qual seria o significado de nação para ele.

5 Gramsci e a nação sob a *dinâmica histórica do presente* Nação como fragmento não diluído

Até o momento, tentou-se desenvolver dois dos pontos fundamentais que *antecedem* o instante imediato da realidade nacional italiana, na qual Gramsci estava inserido. Entretanto, de uma forma ou de outra, esses elementos se apresentavam no cotidiano italiano, manifestando-se em suas mais diversas estruturas sociais. Desde a fábrica, passando pelos partidos e sindicatos, até a igreja, entre outros, percebia-se ou a questão da *herança histórico-nacional* ou a influência de movimentos de outros países, entre os quais o autor buscou “traduzir” para a Itália os de caráter progressista.

Na maioria das vezes esses aspectos se apresentam de modo indissociável um do outro. O que do ponto de vista de uma nação, poderiam ser considerados como impulsionadores da *dinâmica histórica do presente*. Isto significa que a *dinâmica* da nação italiana estava intimamente atrelada a eles. Assim, Gramsci em seus projetos teórico-políticos nacionais, buscava analisar o *presente* vinculando-o tanto à *herança nacional* quanto à *internacional*.

Todavia, a *dinâmica histórica do presente*, situada como o terceiro elemento do *procedimento* de análise aqui adotado sobre o significado de nação em Gramsci, não se dava da mesma forma que as *heranças*. Estas se apresentavam à história de modo mais ou menos definido, já que faziam parte de acontecimentos ocorridos num determinado momento, ou seja, podiam assumir o significado de *heranças*. Ao contrário do *presente* não podendo

ser ainda definido, pois estava em constante *dinâmica*. Em outras palavras, Gramsci via o *presente* de sua nação como algo incerto, como um processo histórico aberto às *possibilidades*. As únicas certezas vinham das *heranças* que de um modo ou de outro estavam inseridas no *presente*, dando margem para a construção de um determinado projeto nacional.

Na verdade, eram as *heranças* que faziam o *presente* não se diluir por completo, eram elas as responsáveis pela possibilidade de uma leitura tendencial sobre a história, e neste caso, sobre a nação italiana. Mesmo sendo os fatos concretos compostos por inúmeras causalidades, Gramsci coloca em 1917 no texto *Três princípios, três ordens*: "o homem necessita para agir prever ao menos parcialmente". (GRAMSCI, 1970, p. 18)

Mesmo tendo em vista o primeiro instante de suas análises, marcado pela multiplicidade de interesses sobre a nação, Gramsci não se perde na aparente fragmentação e descontinuidade da realidade. Os variados temas presentes em seus textos não deixam de possuir certas referências históricas, transcendendo assim, o imediatismo das relações individuais, dos grupos e das classes de seu país.

Por outro lado, a análise sobre o imediato também é importante, pois é partindo dele que se pode visualizar, mesmo com pouca clareza, o primeiro momento da *dinâmica histórica do presente*. E Gramsci busca interpretar, ou mesmo captar, ao máximo essa *dinâmica*. Para ele o movimento da nação se dá de forma fragmentada, entretanto sua existência não deve ser entendida como algo da natureza, sem razão e história. A realidade nacional, mesmo assumindo tal caráter, deveria ser controlada e direcionada ao avanço histórico. E para isso Gramsci tinha como referência as *heranças históricas*, nacional-conservadora e internacional-progressista.

O predomínio de movimentos conservadores entre os italianos, não poderia assumir o significado posto pelo imediatismo, ou seja, o de natural e a-histórico. A *dinâmica do presente* deveria ser compreendida em suas *possibilidades*, no caso aqui tratado, a entrada de aspectos progressistas particulares de diversos movimentos, com destaque para a Revolução de Outubro.

Em certo sentido, a captação ou compreensão desse momento fragmentado da realidade nacional, mas que deve ser enquadrado numa *dinâmica histórica*, tem em Gramsci uma definição: "filologia viva". Esse conceito será aprofundado pelo autor nos *Cadernos do cárcere*. Os termos em que o autor fornece as definições desse instrumento conceitual são os seguintes:

A experiência sobre a qual se baseia a filosofia da práxis não pode ser esquematizada; ela é a própria história em sua infinita variedade e multiplicidade, cujo estudo pode dar lugar ao nascimento da 'filologia' como método de erudição na verificação dos fatos particulares e ao nascimento da filosofia entendida como metodologia geral da história. (GRAMSCI, 1999, v.1, p.146).

Aqui o estudo das civilizações por meio de *textos*, como é tradicionalmente definida a filologia, ganha uma nova interpretação. Para Gramsci, a filologia deveria ser o estudo das civilizações por meio da *vida* em toda sua multiplicidade, em todo seu movimento. Assim, com ele, filologia assume um novo significado conceitual. Na verdade, a “filologia viva” de Gramsci é uma importante forma de captar o movimento da história. Um modo de criticar o capitalismo e construir o movimento comunista.

Ao longo dos *Quaderni* outras definições são oferecidas, sempre colocando em destaque a importância das questões particulares para o entendimento da vida social em movimento, ou seja, da *dinâmica histórica*. No entanto, antes mesmo da prisão, Gramsci já sugere tal método de análise sobre a realidade. Pelo menos é o que fica evidenciado quando se verifica sua produção pré-carcerária, bastante heterogênea sobre os assuntos abordados.

Então, segundo sugere o autor italiano, a *dinâmica histórica do presente*, ou seja, o movimento imediato-mediato e particularizado dos acontecimentos da nação poderia ser captado e entendido tendo em *mente* o recurso da “filologia viva”.

Neste sentido, a partir de algumas organizações chaves, Gramsci busca compreender inúmeras relações sociais, ou seja, a língua, a cultura, os partidos políticos, os jornais, a igreja, a monarquia, o parlamento, a universidade, a escola, a cidade, a maçonaria, o exército, os sindicatos operários, a ciência (médicos e hospitais), o teatro, o livro, etc, eram todos portas de entrada da *dinâmica* do mundo e da nação. “Em cada um destes elementos se entrelaçam e se revelam sentimentos, comportamentos, modos de ser italiano [...]” (ZANANTONI, 2000, p. 70) Por meio deles era possível enxergar uma realidade múltipla em criatividade, em contradição, em luta, etc.

Um bom exemplo disso pode ser dado visualizando a Revista comunista *L'Ordine Nuovo* a qual, de certo modo, foi criada para fazer uma mediação cultural entre a classe operária italiana e os processos sociais de seu país e do mundo existentes no pós-guerra. Esta revista ajudava os operários a compreenderem tanto a crise social da nação, gerada pela guerra mundial, quanto a importância da Revolução Russa em termos culturais. Assim, por meio dela os trabalhadores poderiam ter uma visão múltipla da *dinâmica histórica do presente* nacional.

Assim, Gramsci entende sua realidade nacional por meio da heterogeneidade dos fatos, como se a nação fosse um “prisma” que é iluminado de acordo com o movimento historicamente determinante. No caso da península, até aquele momento, por “luzes” anti-populares. Daí o seu interesse em contribuir para que todos os aspectos da vida social fossem ocupados pela cultura comunista. E é neste sentido que conceitos como “hegemonia”, “reforma intelectual e moral”, “guerra de posição”, “partido como intelectual-coletivo”, entre muitos outros, ganham um significado nacional.

Gramsci propõe como projeto nacional para a península, a criação de um novo movimento histórico, partindo das classes subalternas, a fim de criar diversos focos de luzes sobre a vida dos italianos.

Para alcançar tal propósito era necessário entender o andamento da realidade italiana em suas manifestações decisivas. E mesmo a vida nacional tendo um movimento de múltiplas determinações, ela possuía alguns pontos-chaves para a sua *dinâmica*. Como pode ser os casos das *heranças históricas* nacionais e internacionais. O choque entre elas produziria uma série de fatores importantes nos quais as lutas político-sociais se expressavam. Justamente aqui os comunistas deveriam sair vitoriosos para assumir o controle do processo histórico e da *dinâmica do presente*, objetivando a fundação de uma *nação* realmente progressista e popular.

6 Considerações finais

Como foi possível perceber, o *procedimento* adotado aqui para expor o entendimento de Gramsci sobre a nação indica certas contribuições. Por meio dele, foi possível entender como o autor enxerga a composição da nação contemporânea e como ele a situa no *tempo* e no *espaço*, ressaltando a importância dos elementos internacionais progressistas na confrontação político-cultural com o predominante movimento conservador e a-nacional da história italiana. Para Gramsci o presente e, acima de tudo, o futuro da península estavam estritamente ligados aos desdobramentos do choque entre estes dois *blocos históricos hereditários*. Na verdade, para Gramsci a nação deveria ser vista a partir de três ângulos diferenciados, ou seja, o passado das lutas nacionais, o passado das lutas internacionais e os seus reflexos no presente. Identificando os conteúdos político-ideológicos das lutas nacionais e internacionais tornava mais clara a análise sobre os movimentos político-sociais do presente.

Por meio desse *procedimento* de exposição, pode-se dizer que o autor italiano buscou um significado de nação tendo como referência vários elementos da realidade. Para ele, ao que tudo indica, a *nação*, em sentido progressista e popular, deveria ser analisada como *vida nacional*, ou seja, como um momento histórico-social e cultural específico presente no cotidiano dos indivíduos, dos grupos, das classes, etc. Em outras palavras, a *nação*, entendida como *vida nacional*, não pode ser vista como algo abstrato e imaginário, mas como uma manifestação concreta da *vida* dos vários agentes sociais.

E mesmo tendo um elemento importante de subjetividade, ou seja, de como o conjunto da sociedade apreende o significado de uma nação, ele nunca se restringe a este momento particularizado e subjetivo presente nas classes, nos indivíduos e nos grupos, pois a sua realização está fora do imaginário e do simbólico, está na realidade, na *vida* concreta. Por isso que

para Gramsci a *nação* não pode ser vista como algo *em si*, ou seja, desvinculada da *vida social*, pois a sua “natureza” está intimamente ligada à luta ideológica e política dos *sujeitos* que em algum momento a reivindicam. Aqui, o autor se distancia radicalmente dos projetos nacionais conservadores da Itália como por exemplo, o fascista, pois ao contrário deste, Gramsci não defendia a abstrata “unidade nacional”, na qual todos são iguais.

Lém disso, Gramsci também não entendia a *nação* como um valor *em si*, pelo fato dela ser uma condição necessária para a “participação dos povos na ‘comunidade’ mundial.” (BARATA, 2000, p. 198). Em outras palavras, sem ela a união mundial do gênero humano se torna mais distante e abstrata.

Portanto, a *nação* deve ser entendida como uma construção permanente, na qual a luta e a contradição dos diversos segmentos sociais que a reivindicam, ganham cores. No caso italiano, tal construção teve ao longo do seu processo histórico o predomínio dos setores a-nacionais e assim anti-populares.

Dá a importância dada pelo autor para o entendimento de diversos focos de luta na península, como por exemplo, o partido, o sindicato, os conselhos de fábrica, os intelectuais, a igreja, a imprensa, o Sul e o Norte, etc. Em outras palavras, a *nação* deveria ser compreendida tendo aos olhos várias *questões nacionais*, incluindo aí a *questão russa*.

Mesmo percebendo desse modo fragmentado a *nação*, Gramsci, no entanto, não se perde numa conseqüente diluição, pois pensava em unificar, em sentido progressista, tal processo. Como foi exposto, a sua saída para o problema era a construção de um movimento “nacional popular” capaz de sustentar e desenvolver uma cultura comunista.

Compreendido esse primeiro momento da explicação referente ao significado de *nação*, pode-se afirmar que Gramsci buscava projetar um movimento social nesta *vida nacional*, tendo como fundamento o popular. Ao que parece, o autor sardo não buscou apenas compreender o significado da *nação*, isto é, seus objetivos também passavam pela atuação sobre a realidade. No caso italiano, tentou materializar um movimento político-cultural, tendo como base as classes populares que pudesse sustentar uma cultura comunista. Para ele, seria por meio desse elemento cultural que a *nação* poderia ser unida de modo progressista, quer dizer, ele poderia redirecionar em sentido comunista as várias contradições compartimentadas da *vida nacional*, assim conflitos isolados como *nação-região*, *nação-mundo*, *nação-economia*, *nação-Estado*, *nação-dialeto*, *nação-cultura*, *nação-povo*, *nação-classe*, *nação-indivíduo*, etc, poderiam ser ultrapassados em nome de uma visão ampla do movimento. Esta dinâmica é o que se pode chamar de *filologia viva da nação*.

No entanto, a cultura comunista também não pode ser vista como algo abstrato, homogêneo e desvinculado da realidade, neste caso, das classes

subalternas, mas como uma forma de alcançar *todos* os momentos da *vida nacional*, ou seja, também *particularizada*. Somente através desse movimento, oscilante entre universal/particular, poder-se-ia vislumbrar certo predomínio das forças revolucionárias, significando, no caso da Itália, o redirecionamento da sua história para o "nacional-popular". Aliás, pode-se dizer que na expressão "nacional-popular" estão contidas tanto "a recusa do cosmopolitismo que predominou na cultura e na política italiana desde o período medieval" quanto "a desmistificação do nacionalismo [...]". (SCHLESENER, 1992, p.43).

Percebida assim que a cultura difundida pelos comunistas italianos poderia se inserir na complexa dinâmica da *vida nacional*, acompanhando o processo múltiplo das lutas sociais do cotidiano. E é reconhecendo tais apontamentos que se pode chegar ao projeto de *nação nova* para a península, corporificado por novas instituições político-culturais, por uma nova visão de nacionalidade, etc.

Ao invés de se prender à definição conceitual de *nação*, Gramsci se preocupou mais em entender o seu movimento tanto no *tempo* quanto no *espaço*. E, ao que tudo indica, aponta para a existência de um novo *tempo* para a *nação*, no qual a sua explicação está em vários *espaços* do mundo concreto e assim da *vida nacional*. Para ele a *nação* não se explica mais a partir de alguns setores sociais, mas de múltiplos. Em outras palavras a *nação* deve ser vista como um movimento que vive na e da multiplicidade do real, ou seja, a *vida nacional* não é apenas política, mas também o é, não é apenas economia, mas também, etc. Agora o nacional faz parte da vida de amplas massas, sem falar da sua conexão com o mundo. E essa sua versatilidade sobre o entendimento de *nação*, ajuda a refletir a *forma-conteúdo* nacional do mundo contemporâneo, já que em seu pensamento não se coloca nenhum elemento determinante para a *vida nacional*. Assim, ele possibilita pensar os novos aspectos nacionais e seus significados.

Vista por esse ângulo, pode-se dizer que a *nação*, segundo Gramsci, não desaparece numa sociedade comunista, ou melhor, na concretização de um projeto revolucionário das classes subalternas. Ao contrário, até mesmo do que Marx sugere, para o autor italiano, a *nação* é um momento fundamental da emancipação dos trabalhadores. Tudo pelo fato de ser na *nação*, entendida como *vida nacional*, o local específico no qual determinada classe trabalhadora cria seus elementos próprios de emancipação cultural, política, econômica, etc. Obviamente que isso não é uma adesão à idéia do "socialismo num só país". No entanto, mesmo afirmando que a "história é sempre a história do gênero humano", Gramsci não perde de vista os elementos de criatividade sujeitos a aparecer entre os trabalhadores de uma determinada *vida nacional*. Portanto, é com este seu "comunismo crítico" que Gramsci vê a *nação* como um momento *particular* da emancipação humana, mundialmente unificada. Em outras palavras, para a realização de um projeto comunista a concretização da *nação* para os trabalhadores é tão importante quanto à materialização do

internacionalismo. Neste sentido, talvez seja possível equiparar a expressão “vontade coletiva nacional-popular” com a *vontade coletiva nacional-comunista*.

De alguma forma, está presente aqui uma idéia de Rudolf Hilferding, um importante autor alemão do início do século XX, na qual sugere ser o advento da nação uma construção de cunho emancipatório, mas que no imperialismo houve uma completa e “notável deformação dessa idéia nacional”, não reconhecendo mais “o direito de toda nação à auto-determinação política” (SWEEZY, 1967, p. 412). Por meio do nacionalismo, o período dos grandes monopólios capitalistas, detonou sobre uma determinada *vida nacional* o papel de opressora ou de oprimida, ou seja, uma nação passou exercer o domínio sobre outras.

Mesmo sendo bastante criticado por Lenin, em seu ensaio sobre o desenvolvimento do imperialismo, Hilferding coloca a questão de ser possível pensar a nação não apenas como momento de luta burguesa, mas também como um *tempo-espaço* capaz de impulsionar elementos emancipatórios para as classes subalternas. E nisso, ao que parece, existe uma convergência com Gramsci.

Na verdade, o autor italiano parece buscar maneiras de retirar da nação italiana todas as “deformidades” criadas sobre a *vida nacional* que incidia sobre as classes subalternas. Afinal de contas, na península, além de *herança* anti-popular e conseqüentemente a-nacional, os comunistas tinham que lutar também contra o nacionalismo fascista, característico da época imperialista.

Um outro ponto importante para ser ressaltado é que o fato dele centrar grande parte das reflexões em benefício da construção de um movimento “nacional-popular”, até então inexistente em seu país, não significava uma restrição ao mesmo. Na verdade, Gramsci parte do “nacional-popular” para visualizar as múltiplas relações políticas, culturais, econômicas, educacionais, entre outras, presentes na vida nacional italiana. Com isso buscava alinhar o processo histórico da península em direção de um projeto nacional inovador, no qual as classes subalternas, ou seja, o “popular” pudesse de fato predominar na *vida nacional*.

Fazendo uma analogia com a Reforma Protestante de Lutero e Calvino, o movimento “nacional-popular” moderno, não mais ganha cores por meio de uma única instituição social, como foi a Igreja no primeiro caso, mas através de vários elementos institucionais criados pelo capitalismo. E é neste sentido que as dificuldades foram ampliadas. Da mesma forma, só que agora recuperando o projeto de Itália desenvolvido por Maquiavel, a *nação nova* deve ser pensada sob a perspectiva do movimento coletivo e não, como na época do florentino, do ponto de vista da figura individual do Príncipe.

Entretanto, a ligação entre nação e popular não se dava de modo imediato e sem mediação. Daí a necessidade de organizar um movimento coletivo amplo em torno do problema. Para melhor visualizar os elementos

que os distanciam, pode-se apontar a existência de uma complexa *vida nacional* composta por diversas *questões nacionais*, na qual o seu *tempo-espaço* se desdobra em outros *tempos-espaços* específicos, que na verdade seria o próprio cotidiano. E para compreender com clareza esse elemento mais empírico da vida cotidiana surge o recurso da *filologia viva da nação*. Reconhecido esse momento de mediação, o nacional pode ser aproximado do popular. Claro que tudo isso se movimenta de modo extremamente dinâmico e muitas vezes incompreensível.

Talvez seja por meio desse conjunto de questões que se possa vislumbrar a originalidade de Gramsci sobre o tema da nação, no interior do marxismo. Mesmo tendo fortes influências, principalmente de Lenin, o autor italiano desenvolve algumas reflexões completamente novas sobre o significado de nação. Sua profunda preocupação com o momento histórico, deu-lhe a possibilidade de perceber os elementos fundamentais da realidade nacional que sem dúvida permeará todo o século XX.

Bibliografia

BARATA, G. *Le Rose e i Quaderni – saggio sul pensiero di Antonio Gramsci*. Roma: Ed. Gamberetti, 2000.

BUEY, F. F. *Gramsci no mundo de hoje*. In: COUTINHO, C.N. (Org.) *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEL ROIO, M. *O raio e o prisma: Gramsci e a fórmula política da frente única (1919-26)*. 2003. Tese de (Livre-Docência) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

DURANTE, L. *Gramsci e i pericoli del cosmopolitismo*. Disponível em: (www.citinv.it/publicazion/critica_marxista). Acesso em 1999.

ENGELS, F. *As guerras camponesas na Alemanha*, Lisboa: Ed. Presença, 1975.

GRAMSCI, A. *Oprimidos y opresores (1910), Antologia*. In: SACRISTÁN, M. (Org.). México: Ed. Siglo XXI, 1970.

_____. *Lenin, líder revolucionário (1924), Escritos Políticos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004, v.2.

_____. *Origens e finalidades da lei sobre as associações secretas (1925), Escritos Políticos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2004, v.2.

_____. *Carta a Julia Schucht (1932)*. In: SACRISTÁN, M., *Antologia*. México: Ed. Siglo Veintuno, 1970.

_____. *Tres principios, tres ordenes (1917)*. In: SACRISTÁN, M., *Antologia*. México: Ed. Siglo Veintuno, 1970.

_____. *Carta a Togliatti, Scoccimarro e outros (1924), Escritos Políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v.2.

_____. *Utopia (1918)*, In: Sacristán, M. *Antologia*. México: Siglo Veintuno, 1970.

_____. *La obra de Lênin* (1918). In: SACRISTÁN, M. *Antología*, México: Siglo Veintiuno, 1970.

_____. *Por una renovación del partido socialista* (1920), In: SACRISTÁN, M. *Antología*. México: Siglo Veintiuno, 1970.

_____. *El movimiento torines de los consejos de fábrica* (1920), In: SACRISTÁN, M. *Antología*. México: Siglo Veintiuno, 1970.

_____. *Ao comitê central do partido comunista da URSS* (1926), *Escritos Políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v.2.

_____. *Cadernos do cárcere*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1999, v.1.

MARX, K. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. In: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, (Os pensadores).

SCHLESNER, A. H. *Hegemonia e cultura: Gramsci*, Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

SWEEZY, P. M. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ZAPPELINI, G. B. *Società antiche e storiografia marxista in Italia agli inizi del novecento: considerazioni sull'indirizzo economico-giuridico*. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano*, Milano V.34, 1981.